

## **A Luta entre catolicismo e comunismo nas páginas das revistas curitibanas, 1945-1964.<sup>1</sup>**

The Struggle Between Catholicism And Communism In The Pages Of Curitiban Magazines, 1945-1964

*Andrea Beatriz Wozniak Giménez<sup>2</sup>*

*Luiz Carlos Ribeiro<sup>3</sup>*

### **Resumo**

No período 1945-1964, o imaginário anticomunista esteve dinamizado na sociedade brasileira, motivado pela polarização mundial da Guerra Fria ou pelo próprio contexto brasileiro, repleto de movimentos sociais e de propostas reformistas, desenvolvimentistas e nacionalistas. Uma parte das representações anticomunistas dinamizadas envolviam o universo do catolicismo, seus símbolos, doutrinas, representantes, fiéis, etc. Buscando aprofundar a compreensão deste fenômeno, o presente artigo tem como objetivo analisar o imaginário anticomunista católico que circulou nas principais revistas de produção e circulação na sociedade curitibana entre a redemocratização brasileira, pós-Segunda Guerra Mundial, e 1964. Busca-se mapear algumas questões que mobilizaram o anticomunismo católico; discutir as estratégias de inviabilização do comunismo; e analisar as relações entre a mobilização do imaginário, a defesa de interesses político-econômico-culturais particulares e o reforço da dimensão simbólica da Igreja Católica, enquanto instituição.

**Palavras-chave:** Imaginário; Anticomunismo; Catolicismo.

### **Abstract**

---

<sup>1</sup> Este texto traz reflexões atualizadas a partir da Dissertação de Mestrado: GIMÉNEZ, Andrea Beatriz Wozniak. O medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais”: imaginário anticomunista na sociedade curitibana, 1947-1964. 2003. (Dissertação) (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus Franca. Bolsista CAPES. Endereço: Rua Bernardo Sobieck, 89 CEP: 81.270-500 – Curitiba, PR. E-mail: [andrea.wozniak@hotmail.com](mailto:andrea.wozniak@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor Adjunto II, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Pós-Doutor pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS), da Universidade de Lisboa, Portugal. Pós-Doutor pela École de Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França. Doutor em História pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, Paris, França. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

In the 1945-1964 years, the anticommunist imaginary was fueled in the Brazilian society, be it by the worldwide polarization incited by the Cold War or by the Brazilian context itself, full of social movements and reformist, developmental and nationalist proposals. A subset of the dynamized anticommunist representations involved the universe of Catholicism, its symbols, doctrines, representatives, followers and so on. Seeking for a deeper comprehension of this phenomenon, the present article tries to analyze the catholic anticommunist imaginary that circulated in the leading local magazines of Curitiba, produced and read by the local society in the period of the Brazilian Redemocratization, from the end of World War II until 1964. An effort is made to map some of the questions that mobilized the catholic anticommunism, discussing several communism blocking strategies, and analyzing the relationships between the mobilization of the imaginary, the defense of particular political/economical/cultural interests and the reinforcement of the symbolic dimension of the Catholic Church as an Institution.

**Key-words:** Imaginary; Anticommunism; Catholicism.

No período 1945-1964, o imaginário anticomunista esteve dinamizado na sociedade brasileira, motivado pela polarização mundial da Guerra Fria ou pelo próprio contexto brasileiro, repleto de movimentos sociais e de propostas reformistas, desenvolvimentistas e nacionalistas. Nas tramas deste imaginário estiveram entrelaçadas questões diversas de ordem político, econômico, cultural e social que envolviam muito mais do que o comunismo, seus defensores e simpatizantes. O imaginário anticomunista mobilizava os instintos de auto-conservação, colaborando na construção da coesão social em torno da defesa da ordem estabelecida, ao mesmo tempo em que buscava reforçar e legitimar os grupos privilegiados dentro dela.

O catolicismo constituía-se em base identitária de parte da população brasileira do período, influenciando suas concepções de sociedade e práticas sociais. Uma parte das representações anticomunistas dinamizadas envolviam o universo do catolicismo: símbolos, doutrinas, representantes, fiéis, etc. Buscando aprofundar a compreensão deste fenômeno, o presente artigo tem como objetivo analisar o imaginário anticomunista católico que circulou nas principais revistas de produção e

circulação entre as elites e classes médias curitibanas do período: A Divulgação<sup>4</sup> (1947-1964), Panorama<sup>5</sup> (1951-1964), Planalto Paranaense<sup>6</sup> (1961-1964), Paraná Econômico<sup>7</sup> (1953-1964), Boletim de Informação da Federação das Indústrias do Paraná (1958-1962) e Indústria (1962-1964). A partir da seleção de algumas das representações anticomunistas católicas disseminadas por tais meios, busca-se mapear algumas questões que mobilizaram o anticomunismo católico do período 1945-1964; discutir as estratégias de inviabilização do comunismo; e analisar as relações entre a mobilização do imaginário, a defesa de interesses político-econômico-culturais particulares e o reforço da dimensão simbólica da Igreja Católica, enquanto instituição.

Ao anticomunismo católico esteve interligada a luta por redefinição e pela manutenção do espaço de poder do catolicismo e dos princípios cristãos, em meio às transformações político-econômico-culturais do mundo contemporâneo, travada pela Igreja Católica e por seu corpo de fiéis atuantes. Dentro do duplo processo de inviabilização/legitimação desencadeado pelo imaginário anticomunista, que pretendia desmoralizar o comunismo, assim como as propostas de sociedade consideradas comprometedoras, os grupos católicos buscavam, através da coesão

---

<sup>4</sup>A Divulgação, uma revista de cultura e sociedade, pois trazia seções de política, economia, cultura, sociedade e variedades, defendia ideias paranistas e entrou em circulação em 1947. Sua tiragem era em torno de 3.000 a 5.000 exemplares em 1953 e 8.000 no início da década de 1960.

<sup>5</sup> A revista Panorama, também de cultura e sociedade, foi fundada em 1951 em Londrina, mas já a partir de 1954 teve sua sede transferida para Curitiba. A doutrina católica, relacionada à perspectiva oficial da Igreja, com prescrições do Vaticano, esteve sempre presente no período analisado. Circulava na sociedade paranaense com tiragem aproximada de 5.000 exemplares em 1955 e 25.000 no início da década de 1960.

<sup>6</sup> A revista Planalto Paranaense, em circulação a partir de dezembro de 1961, esteve relacionada às elites administrativas e econômicas locais, recebendo destaque o governador Ney Braga, pertencente ao Partido Democrata Cristão (PDC). Sua tiragem, em maio de 1962, era de 8.000 exemplares.

<sup>7</sup> As revistas Paraná Econômico, Boletim de Informação da FIEP e Indústria eram meios de divulgação das classes econômicas paranaenses: Paraná Econômico era patrocinada pela Federação das Indústrias, pela Associação Comercial e pela Federação do Comércio do Estado do Paraná, principal fomentadora e articuladora de seus editoriais; já o Boletim de Informação da FIEP e a Indústria eram auspiciados pela Federação das Indústrias do Paraná (o Boletim entrou em circulação em 1958 e transformou-se na Revista Indústria, a partir de 1962).

social, angariar adesões em torno de seus projetos de sociedade, os quais buscavam oferecer soluções para os problemas sociais brasileiros.<sup>8</sup>

O discurso anticomunista católico, que foi sendo construído a partir de meados do século XIX, fez parte de um enfrentamento mais amplo, encontrando-se dentro do processo de adaptação católica ao mundo moderno. As mudanças a partir do processo de modernização, dentro dele a laicização e a secularização, demonstraram a fragilidade dos poderes religiosos na sociedade, bem como o decréscimo de sua influência. Em meio à troca dos padrões cristãos por novos valores, atitudes e utopias (como o racionalismo, o liberalismo, a democracia e o socialismo) parte da Igreja recrudescceu-se na oposição a tudo que representasse perigo para a sua estabilidade. O comunismo, articulando-se entre seus principais críticos, principalmente no que diz respeito aos fortes vínculos entre a Igreja Católica e os espaços e as relações de poder dentro das sociedades capitalistas, foi considerado e representado como um de seus mais “perigosos inimigos”.

No Brasil, no início do século XX, associando os problemas brasileiros à falta de espiritualidade, a Igreja assumiu como missão a recristianização da sociedade prescrita pelo Vaticano. Buscava-se penetrar na vida cotidiana instrumentalizando sua comunidade simbólica com elementos para a defesa do Cristianismo, principalmente relacionados ao combate do ateísmo. Considerado a antítese de todos os preceitos cristãos, o comunismo foi envolto numa forte linguagem imagética e imerso em representações anticomunistas que mobilizavam no destinatário os sentimentos de desaprovação e repulsa, reforçando a identidade cristã. Damião Duque de Farias destaca que o combate ao comunismo assumiu a configuração de principal inimigo da Igreja na década de 30.<sup>9</sup> As *Encíclicas Papais*, principalmente a

---

<sup>8</sup> Para as reflexões realizadas neste artigo buscou-se embasamento teórico-metodológico em BACZCO, Bronislaw. ‘Imaginação social’. In: *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda/Editora Portuguesa, 1985; BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989; ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

<sup>9</sup> O combate ao comunismo era disseminado em todas as frentes de atuação, desde as produções religiosas (como as encíclicas e cartas pastorais), até as missas, e intenções de orações.

*Rerum Novarum*, de 1891, que trata da condição social dos operários, realizando crítica contundente ao comunismo, teve grande repercussão, influenciando tanto o redimensionamento da Igreja frente a questão social, quanto vários grupos de leigos católicos.

No período 1945-1964, as posições conservadoras dentro da instituição mantinham-se majoritárias, mesmo com a aderência de alguns grupos católicos à causa das reformas e lutas sociais disseminadas no contexto brasileiro. Carla Simone Rodeghero destaca a continuidade das críticas ao laicismo e à secularização, o apelo à restauração dos costumes cristãos e o anticomunismo entre os principais temas da Igreja neste período.<sup>10</sup> O contexto da Guerra Fria, nele as retaliações ao cristianismo nos diversos países da composição do Bloco Soviético, e as reinterpretações das ideias socialistas no seio da própria Igreja mobilizavam o imaginário anticomunista católico.

Na sociedade curitibana, o catolicismo assumia o papel de religião oficial, assim como seus principais dirigentes estavam entre as referências do poder simbólico local. Encontrando-se entre os principais símbolos de grande parte das elites político-econômicas e intelectuais, assim como das classes médias, os símbolos católicos perpassavam o tecido social da sociedade curitibana como um todo, influenciando na sociabilidade, construindo identidades, direcionando a prática social e entrelaçando-se aos poderes locais.

Renato Carneiro destaca que a Arquidiocese de Curitiba refletia a posição oficial da Igreja, principalmente no que diz respeito à *Doutrina Social Católica* e ao combate ao comunismo.<sup>11</sup> Dom Attico Eusébio da Rocha, arcebispo de Curitiba entre 1936-1950, publicou em 1949 o decreto do Papa Pio XII, que vetava o apoio e a inscrição de católicos em qualquer Partido Comunista; proibia a edição, a

---

FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da Ordem. Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-45)*. São Paulo: Hucitec, 1998.

<sup>10</sup> RODEGHERO, Carla. *O Diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Edupf, 1998, p.53.

<sup>11</sup> CARNEIRO Jr., Renato Augusto. *Religião e política: a Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições – 1932-1954*. Dissertação de Mestrado. História. UFPR. Curitiba. Julho de 2000.

propagação, a colaboração ou a leitura de livros, revistas, jornais e folhetos que divulgassem a doutrina ou a ação de comunistas; e declarava excomungado aos que professassem a doutrina materialista e anticristã do comunismo. Seu sucessor, Dom Manuel da Silveira D’Elboux, arcebispo entre 1950-1970, também buscou realizar vasta articulação da Igreja com a sociedade: promoveu movimentações de católicos, principalmente na capital; formou grupos ligados à Ação Católica e às diversas associações leigas (Apostolado da Oração, Círculos Operários Católicos, Confederação Vicentina, Congregação Mariana, Cruzada Eucarística Infantil, Damas de Caridade, Legião de Maria, Obra das Vocações Sacerdotais, Pia de Maria, etc.); trouxe novas congregações religiosas; abriu colégios católicos; formou a Pontifícia Universidade Católica do Paraná; fortaleceu a publicação de jornais e semanários; estimulou a utilização do rádio para a divulgação de missas e propaganda católica; aumentou o número de paróquias, capelas e reitorias religiosas; suas ações junto aos poderes político-econômicos estaduais trouxeram-lhe patrocínio do Estado para várias de suas obras. Em consonância com o Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D’Elboux reorganizou a Liga Eleitoral Católica no Paraná (LEC) em 1954, através da qual a Igreja defendia candidatos que defendessem os princípios cristãos e excluía as agremiações de esquerda, chamadas de materialistas, comunistas e socialistas.

A Igreja no Paraná, era componente da ala dos modernizadores conservadores, dentro da qual se apoiava uma democracia fundamentada nos princípios da *Doutrina Social da Igreja* – a “democracia cristã”. Dentro dela, defendiam-se as estruturas sociais estabelecidas e pregavam-se justiça e “paz social” como formas de elucidar os problemas sociais brasileiros, apaziguando as tensões sociais. Durante os anos 50, suas perspectivas recebiam destaque dentro da sociedade curitibana, sendo defendidas por grande parte das elites e das classes médias. Não foi à toa que Ney Braga, fundamentado nos princípios cristãos, defendendo uma proposta de modernização conservadora da sociedade, na qual se propalava o

equacionamento dos problemas sociais do Estado, assim como o abrandamento das tensões sociais, alcançou o poder estadual no início da década de 60.

Como se pode perceber o catolicismo assumia um papel de destaque na sociedade curitibana, influenciando a prática social e as concepções de sociedade de grande parte da coletividade. Desta forma, o imaginário anticomunista católico colocou-se entre os principais mobilizadores do medo do comunismo entre as elites e as classes médias curitibanas, mobilizando as energias e orientando as práticas sociais em função do combate ao comunismo. Ao mobilizar o medo da desintegração dos padrões cristãos, uma das principais motivações anticomunistas na sociedade curitibana do período, o imaginário reforçava o consenso negativo sobre o comunismo, incentivando sua repulsa. Incitando as identidades cristãs em função da defesa da sociedade, atuava diretamente na valorização dos princípios católicos e da proposta de reordenamento da sociedade em torno de valores cristãos, bastante defendida pela Igreja. Assim, reforçava a dimensão simbólica da Igreja Católica, enquanto instituição, dentro dos espaços de poder da sociedade em questão.

Dentro do processo de luta travada pela Igreja Católica referente à delimitação/manutenção de seus espaços de poder na sociedade contemporânea, a defesa da identidade católica e dos princípios cristãos entrelaçava-se ao combate do comunismo. Percebe-se que o anticomunismo foi um dos instrumentos utilizados pela instituição na luta pela manutenção do poder simbólico na sociedade, desde a instituição em Roma, às Dioceses, paróquias e grupos de católicos leigos espalhados pelo mundo, como os católicos de Curitiba.

### **A defesa da identidade católica**

Constituindo-se base identitária de grande parte da população curitibana, o catolicismo era reconhecido e defendido entre as principais estruturas da sociedade. Nas principais revistas curitibanas do período não faltavam menções e enaltecimentos à “filiação cristã” da sociedade, assim como se disseminava com

orgulho a representação de que o paranaense era “a gente mais católica do mundo”.<sup>12</sup> Entre grande parte das elites e das classes médias da cidade defendia-se a identidade católica na mesma dimensão em que a identidade brasileira. Dom Manuel D’Elboux e o Papa Pio XII encontravam-se entre os líderes simbólicos da coletividade católica curitibana, desempenhando papel relevante na condução das consciências católicas, tanto com relação às decisões políticas, quanto a fundamentos para a sociedade.

Durante o período em questão, no qual as repercussões da Guerra Fria despertavam a apreensão da coletividade católica, além do contexto brasileiro ser marcado por crises político-econômicas e pela efervescência de movimentos sociais, era comum circularem orações evocando simbolicamente a “proteção divina”. Através da disseminação da ideia da necessidade de defesa da “paz social” na sociedade, buscava-se inviabilizar a adesão da comunidade católica a concepções políticas distintas das defendidas dentro do espaço oficial da instituição. Assim, nestas orações, em meio aos vários preceitos e pedidos cristãos, também se “rogava” pela defesa contra todos os “inimigos”, entre os quais o comunismo tinha grande representatividade. É o que se observa neste exemplo retirado da revista *A Divulgação*:

O nosso coração e o nosso espírito, pedindo a continuidade da Vossa generosa assistência, no presente e no futuro, para que nossa cidade jamais se desvie dos rumos de paz, da bondade, do trabalho e do amor – e para que a nossa pátria continue a recalcar, para fora de suas fronteiras, todos os inimigos de sua integridade e do seu alto destino.<sup>13</sup>

Através dos elos da religiosidade, estabeleciam-se relações simbólicas entre a sociedade e o catolicismo. Evocava-se a proteção da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, entregando aos símbolos católicos a tarefa de auxiliar na concretização da sociedade desejada, constituída a partir de símbolos cristãos: paz, bondade, trabalho e amor. Por outro lado também se entregava à proteção simbólica

<sup>12</sup> “Por um mundo melhor. Congresso Eucarístico”. In: *Panorama*, Curitiba, maio, 1960, p.39.

<sup>13</sup> “Salve Nossa Senhora da Luz dos Pinhais”. In: *A Divulgação*, Curitiba, maio, 1960, p.17.

a defesa da sociedade dos considerados inimigos, como o comunismo, por representarem a transformação das bases da sociedade e o comprometimento dos projetos de presente e de futuro. Colocando-se o catolicismo como elemento identitário, amarravam-se ao imaginário a defesa da sociedade curitibana e a defesa da religiosidade, ampliando a perspectiva simbólica e reforçando a religiosidade enquanto instância de poder, frente a qual os católicos deviam atenção, respeito e obediência.

O ateísmo e a desintegração dos princípios cristãos, ameaçando diretamente as bases sócio-culturais da coletividade, colocaram-se entre os principais mobilizadores do imaginário anticomunista católico na sociedade curitibana. Tanto o marxismo, quanto o comunismo ou o socialismo eram combatidos por implicarem num mundo “sem Deus”, considerados, assim, doutrinas inspiradas no “ateísmo anti-social e destruidor”.<sup>14</sup> O comunismo era representado como o próprio “anti-Cristo”.<sup>15</sup> A propagação do imaginário anticomunista católico, buscava direcionar a consciência da comunidade católica sobre a necessidade da defesa das bases e dos princípios cristãos de sociedade, que se percebiam ameaçados.

A construção de um cenário de enfrentamento simbólico entre o catolicismo e o comunismo estava entre as estratégias de inviabilização do comunismo. Dentro da polarização que se estabelecia, disseminavam-se representações desmoralizadoras sobre as condições dos católicos nos países onde o comunismo havia sido adotado como regime político-econômico, a partir das quais explicitavam-se as perseguições religiosas, as destruições de igrejas e os martírios impetrados a padres e a cristãos. Por outro lado, propagavam-se representações engrandecedoras da Igreja e de seus líderes, envolvendo-os em imagens de paz e de amor e tornando-os exemplos a serem seguidos e obedecidos:

---

<sup>14</sup> “João XXIII”. In: Paraná Econômico, Curitiba junho/julho, 1963, p.7.

<sup>15</sup> Antero de Castro, “Complexo de Crise V. O espírito da época”. In: Panorama, Curitiba, outubro, 1957, p.44.

[...] Nunca como hoje as forças do mal se empenharam tanto e tão intensamente em seus propósitos sinistros de aniquilar a obra de Deus sobre a terra; nunca jamais tantas forças deletérias se congregaram numa luta inglória contra o primado do espírito para implantar o domínio da matéria. É como se as comportas do reino das sombras, abertas de par em par, tivessem dado livre trânsito a todos os elementos maus que conspiram contra a ordem das coisas; é como se partido estivesse o seio da terra de cujas profundezas surgiram os exércitos do mal que ameaçam a paz da humanidade. Numa sequência impressionante, o gênio humano, superando-se a si mesmo, cranea e forja os engenhos com que pretende dominar, não sabendo que está escrevendo a sua própria sentença de morte. Mas, “as portas do inferno não prevalecerão”... Tenhamos, pois, confiança e fé no futuro. No momento exato sempre surge o homem certo. Quando a nau dos apóstolos ameaçava sossobrar aos furiosos vagalhões da tempestade, eis que a figura imponente de Cristo se impõe dominando a investida das ondas traiçoeiras. Se o Pio XII, durante 19 anos de tribulação e de perigos iminentes, soube conduzir com segurança e firmeza o barco da Igreja, e, além disso, seu munus de timoneiro experimentado, soube estender a mão amiga aos povos e às nações que não participam da grei católica, apostólica, romana, mas que cabiam no grande coração paternal de Eugênio Pacilli, estejamos certos de que o novo chefe da cristandade, o Papa João XXIII, já eleito – só pelo fato de ser Papa, isto é, Pai – saberá conduzir os destinos da Igreja e da Humanidade Cristã segundo os sábios desígnios de Deus.<sup>16</sup>

O imaginário anticomunista católico descrevia o contexto internacional, de Guerra Fria, através da velha dualidade cristã maniqueísta “bem” e “mal”, na qual o catolicismo relacionava-se ao “bem”, significando a “paz mundial”, e o comunismo ao “mal”, relacionado à “guerra” e à “destruição”. Assim, o comunismo circulava relacionado às “forças do mal”, a “propósitos sinistros”, ao “reino das sombras”, aos “exércitos do mal” e às “portas do inferno”. Já o catolicismo colocava-se como “salvação da humanidade” e seus líderes envolviam-se em imagens positivadas: colocavam-se como a presença do “Pai”, eram representados como a imagem e semelhança de “Cristo”, possuíam “mão amiga” e “coração paternal”, além de significarem “segurança e firmeza” frente aos perigos ocasionados pelo comunismo.

---

<sup>16</sup> Adolfo Soethe, “Editorial”. In: *Panorama*, Curitiba, novembro, 1958, p.1.

Partindo da polarização “bem versus mal” explicitavam-se os líderes simbólicos que deveriam ser seguidos, defendidos, respeitados e obedecidos pela coletividade católica. Além de buscar reforçar os elos católicos, a partir da perspectiva de desapossamento na segurança dos bens simbólicos religiosos, tratava-se de orientar a coletividade católica na direção contrária às inspirações comunistas, ou mesmo das propostas reformistas que se disseminavam pelo Brasil inspiradas nas utopias libertárias e igualitárias, que eram percebidas como comprometedoras para o monopólio da Igreja quanto à “salvação e felicidade das almas.” Buscava-se fortalecer a legitimidade da Igreja Católica e a crença de seus fiéis no simbólico que lhes respaldava, por outro lado tratava-se de destruir moralmente o comunismo, e outras perspectivas representadas a partir dele.

No imaginário católico explicitavam-se os antagonismos entre catolicismo e comunismo. Dentro de um período de polarizações ideológicas em função de concepções político-econômicas, circulavam notícias que afirmavam que o grande dilema da humanidade estava no conflito Roma versus Moscou. Roma – através dela o Cristianismo e o “mundo ocidental”, era tratada como espaço dos cristãos, “dos homens de boa vontade, da paz e da concórdia”. Já Moscou – com ela o comunismo e os países do bloco soviético, era envolta em representações desmoralizadoras e incitadoras do medo e da repulsa: aparecia relacionada aos “anti-cristãos”, às “perseguições religiosas e políticas”, aos “fuzilamentos em massa”, às “invasões”, às “ocupações”, à “violência e a brutalidade”.<sup>17</sup> Buscava-se orientar as consciências católicas na defesa da identidade e dos padrões cristãos de sociedade, além de inviabilizar o comunismo, disseminando o imaginário do medo e da repulsa.

Tratava-se de demonstrar as diferenças entre os princípios cristãos e os princípios comunistas para o tratamento dos problemas sociais que se evidenciavam por todo o mundo, enaltecendo o catolicismo:

---

<sup>17</sup> Adolfo Soethe, “A encruzilhada do mundo: Roma ou Moscou”. In: Panorama, Curitiba, junho, 1963, p.12-7.

Os comunistas e os cristãos desejam, sem dúvida com a mesma intensidade, um mundo novo, e esperam que os homens de amanhã sejam melhores que os de hoje. A diferença – e ela é ponderável – é que os comunistas creem chegar a isso graças a modificações introduzidas no regime econômico e social, ao passo que os cristãos, sem desconhecê-lo e sem negligenciarem em nada o econômico e o social, trabalham sobretudo para a transformação interna do próprio homem.<sup>18</sup>

Através desse imaginário buscava-se orientar o posicionamento dos católicos frente às transformações e aos embates ideológicos dispersos no Brasil e no mundo. Frente aos problemas sócio-econômicos que se explicitavam no contexto dos anos 50 e 60, sinalizava-se para as bases da doutrina católica enquanto solução: em vez de movimentos sociais reivindicatórios e de posicionamentos políticos que pudessem levar à desagregação da sociedade, os católicos deveriam preocupar-se com a “renovação interior” – com a “paz social” e com a “justiça social”, frustrando revezes divisionistas e mantendo as estruturas sociais. Além disso, buscava-se angariar adesões para a defesa da identidade cristã, dentro dela, a da própria instituição Igreja Católica, buscando a reafirmação do catolicismo dentro dos espaços condutores dos princípios sociais dentro do mundo contemporâneo. Assim, o imaginário anticomunista católico, como um dos principais mobilizadores do medo do comunismo, encontrava-se dentro do processo de busca pela recondução da Igreja Católica enquanto espaço de poder simbólico no mundo contemporâneo.

### **O reordenamento da sociedade com base em princípios cristãos**

Como se percebe, dentro do processo de readaptação e reintrodução da Igreja Católica no mundo contemporâneo, frente aos problemas e aos antagonismos que se explicitavam, a instituição buscou disseminar uma

---

<sup>18</sup> Ignácio Lepp, “Um itinerário de Marx a Cristo”. Apud: Adolfo Soethe, “A encruzilhada do mundo: Roma ou Moscou”. In: Panorama, Curitiba, junho, 1963, p.12-7.

proposta de reordenamento da sociedade fundamentada em princípios cristãos. Desta forma, a Igreja buscava manter seus fiéis e sustentar-se entre as instituições norteadoras dos parâmetros da sociedade, mantendo, assim, seu espaço de poder e sua importância social.

Na sociedade curitibana, na qual o catolicismo encontrava-se em papel de destaque na orientação dos grupos católicos, bastante representativos, não faltou a disseminação dos fundamentos da doutrina católica nas principais revistas da cidade. Visava-se, principalmente, a reintrodução do cristianismo na vida cotidiana, entregando elementos e força simbólica para os católicos frente as diferentes concepções de liberdade e igualdade propaladas na sociedade. Os difusores das ideias católicas na sociedade curitibana, buscavam demonstrar a ideia de “reintrodução de Cristo” na sociedade e de “renovação interior” dos homens, como reação aos problemas da humanidade, que acreditavam serem decorrentes do liberalismo, do capitalismo e do comunismo. Mantinham-se as críticas ao liberalismo e ao comunismo, bastante disseminadas durante a década de 30 pela Igreja Católica e por diversos grupos de leigos. Colocando-se o comunismo entre os principais críticos da Igreja e do Cristianismo, o anticomunismo assumiu papel preponderante dentro de tais fundamentos católicos.

Na lógica central estava a percepção da divisão do mundo entre duas vertentes sócio-culturais completamente divergentes – “individualismo capitalista e coletivismo comunista”<sup>19</sup>, “Washington e Moscou”,<sup>20</sup> ou “Oriente e Ocidente”.<sup>21</sup> Explicitando que o “materialismo” colocava-se à frente do “espiritualismo” em ambas, afirmava-se que os problemas que assolavam a humanidade eram causados pela “desorientação dos espíritos”, colocando-se a doutrina cristã como a “única garantia – da paz entre os homens”.<sup>22</sup> Criticava-se tanto o liberalismo, quanto o comunismo, buscando alertar a comunidade católica sobre o que a Igreja percebia como “crise

---

<sup>19</sup> “Nem individualismo capitalista nem comunismo”. In: Panorama, Panorama no mundo, Londrina, outubro/novembro, 1951, p.95.

<sup>20</sup> Zaqueu de Melo, “Washington ou Moscou: seria a única alternativa?”. In: Panorama, Londrina, fevereiro, 1952, p.57.

<sup>21</sup> Antero de Castro, “Complexos de Crise VI: O Dilema do Ocidente”. In: Panorama, Curitiba, novembro, 1957, p.38.

<sup>22</sup> “Nem individualismo capitalista nem comunismo”. Op.cit., 1951, p.95.

moral” que assolava a humanidade: causada pelas doutrinas materialistas que, vivendo na “ausência de Deus”, lutavam pela hegemonia política e econômica do mundo, a partir de uma “ambição desenfreada”.<sup>23</sup>

A concepção católica atrelava ao liberalismo o que considerava serem os principais problemas contemporâneos, causadores, a partir de sua ótica, da “crise moral” pela qual a humanidade passava: “agnosticismo”, “colonialismo”, “desmandos da ambição e da licenciosidade”, “corrupção”, “indiferença” e “poder de poucos contra o direito de todos”. O liberalismo era representado como a “escola da avareza” que, a partir do desenvolvimento do sistema capitalista, havia desvirtuado a “liberdade”, a “iniciativa particular”, o “respeito ao bem comum”, disseminando a “injustiça social”. Assim, a partir dos problemas atrelados à imagem do liberalismo, este também era culpado por incentivar o desenvolvimento do comunismo, que teria surgido a partir de seu “caldo de cultura”. Disseminavam-se críticas ao liberalismo e ao capitalismo, na perspectiva de mobilizar na comunidade católica a revisão de suas concepções de vida, direcionando, assim, a adoção dos princípios cristãos como forma de solução dos problemas detectados: “crise moral” e disseminação do comunismo e de outras concepções de sociedade.

Explicitando a grave “crise moral” que afetava a sociedade, assim como seus causadores, os difusores dos fundamentos católicos buscavam demonstrar que a solução para os “males” da humanidade estava no Cristianismo. Na sociedade curitibana, disseminavam-se amplamente os parâmetros católicos de solução para os problemas da humanidade, buscando direcionar os católicos curitibanos dentro da crítica ao liberalismo e ao capitalismo e da repulsa ao comunismo, valorizando, assim, os fundamentos católicos. O próprio Arcebispo de Curitiba, Dom Manuel da Silveira D’Elboux, apontava o “espiritualismo cristão” – “a prática sincera da justiça social baseada na grande lei do amor cristão”, como “arma” para a derrota do “materialismo moscovita”, frente aos antagonismos mundiais.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Antero de Castro, “Complexos de Crise VI: O Dilema do Ocidente”. Op.cit., 1957, p.38.

<sup>24</sup> “Qual o meio mais eficiente de impedir a marcha do credo moscovita?”. In: A Divulgação, Curitiba, setembro/outubro, 1951, p.49.

Explicitava-se nos meios católicos a ideia de reordenamento da sociedade com base nos princípios cristãos, como forma de contornar os problemas da humanidade, “cristianizar” o capitalismo e combater diretamente o comunismo. Buscava-se inviabilizar as perspectivas que se colocavam como ameaça para a identidade cristã e para a autoridade da Igreja Católica, principalmente o comunismo. Por outro lado, tratava-se de reforçar a religiosidade católica, assim como reintroduzir a instituição Igreja no cotidiano dos católicos, através de suas concepções que eram representadas como “redenção” frente aos antagonismos e às desumanidades dispersos pelo mundo.

A partir da busca pela reinserção da Igreja Católica nos palcos de decisão e no cotidiano da comunidade católica, buscava-se sustentar a predominância dos fundamentos cristãos sobre as consciências dos fiéis, reforçando sua importância enquanto espaço simbólico de referência norteador da sociabilidade, e inviabilizando a adesão a outras concepções de sociedade na comunidade católica curitibana. Realizava-se todo um esforço para restabelecer a Igreja, no caso a doutrina cristã, como condutora da sociedade ocidental, fortalecendo, assim, seu poder simbólico na sociedade.

### **A redefinição dos papéis da Igreja dentro da sociedade e a crítica à “esquerda católica”**

Dentro do processo de reafirmação católica, enquanto condutora dos princípios sociais, num contexto permeado por conflitos político-ideológicos, a Igreja Católica buscou redefinir seus papéis e suas funções dentro da sociedade. Para além de propor soluções para os problemas que alegava afligir a humanidade, em meio ao embate entre partidos e grupos políticos, buscou tornar legítima sua presença enquanto protetora e interlocutora dos trabalhadores, bastante instrumentalizados pelos partidos e grupos de esquerda. Assim, o imaginário anticomunista católico mobilizava-se na perspectiva de minar os movimentos operários de esquerda, ou que

se encontrassem em sua defesa, como o partido comunista, com o objetivo de inviabilizar as relações entre os trabalhadores e o comunismo, ou outras concepções de reivindicação que fossem percebidas como ameaça à “paz social”, defendida pela *Doutrina Social Católica*.

Visando contrapor-se aos movimentos socialistas e à esquerda política, tratava-se de enfatizar e de valorizar a preocupação social com os trabalhadores contida tanto nas *Encíclicas Papais*, desde meados do século XIX, quanto na *Doutrina Social da Igreja* que se constituiu a partir delas, nas quais se fundamentava a solução que se propalava para os problemas das classes trabalhadoras – “a justiça social”. Na sociedade curitibana, espaço marcado pela ampliação da miséria e por movimentos sociais de diferentes categorias, tanto os divulgadores das concepções católicas quanto as elites econômicas católicas da cidade, tratavam de contrapor ao discurso dos movimentos operários, com fundamentação marxista, a ideia de que a Igreja estava preocupada com a “defesa dos interesses legítimos” e com o equilíbrio social. Havia a preocupação de disseminar a necessidade de solução dos problemas da classe trabalhadora a partir da influência da doutrina católica, através da qual se operaria uma transformação nas consciências das elites rumo à perspectiva de valorização e respeito ao operariado. A divulgação da *Doutrina Social Católica*, bastante recorrente nas revistas das elites e das classes médias curitibanas, visava, principalmente, auxiliar na conscientização das elites locais quanto à necessidade de mudanças nos relacionamentos entre patrões e empregados, ou mesmo quanto aos tratamentos dados à miséria, na perspectiva de inviabilizar os conflitos sociais.

Através do imaginário anticomunista buscava-se desmoralizar o juízo marxista que tratava a religião como “ópio do operariado” e afirmava que esta levava o trabalhador a “submeter-se, calado e conformado, às imposições da injustiça, aguardando uma recompensa longínqua na eternidade”.<sup>25</sup> Em seu lugar, tratava-se de valorizar a *Doutrina Social da Igreja*, dentro da qual se fundamentavam os conceitos de “justiça social”, “função social da riqueza” e “Paz social”, através dos

---

<sup>25</sup> “Os direitos do operário”. In: Panorama, Londrina, setembro/outubro, 1952, p.188-89.

quais se defendia o tratamento dos problemas sócio-econômicos dos trabalhadores e dos menos favorecidos, melhorando a situação das massas e evitando as tensões sociais. Assim, buscava-se disseminar a ideia de que, a partir do momento em que os operários de desiludissem com as “promessas baloufas da demagogia” e entrassem em contato com a concepção católica de “justiça social”, retornariam “facilmente ao redil do Operário Divino, na certeza de encontrar a solução precisa para todos os seus problemas”.<sup>26</sup>

Buscava-se legitimar a presença da doutrina cristã, e assim da Igreja, como protetora da causa operária, a partir de uma concepção baseada na fé em Deus e no respeito aos princípios cristãos. Entretanto, explicitava-se: “Não um Deus isolado dos problemas humanos. Mas, que vive nas leis, que assiste os parlamentos, que está presente nas transações comerciais, que preside o trabalho nos campos e nas fábricas”.<sup>27</sup> Para além de tentar redefinir as finalidades e os espaços de atuação da Igreja, procurando demonstrar uma instituição atuante e não mais isolada das causas da sociedade, principalmente dos trabalhadores, tratava-se de demonstrá-la como forma legítima de solução para os problemas sociais pelos quais a classe trabalhadora passava.

Nos veículos de comunicação das elites econômicas da cidade, os integrantes das elites católicas, tratando de construir formas de evitar movimentos sociais mais “radicalizados”, através das mudanças de atitudes entre patrões e operários, buscavam entregar, simbolicamente, à *Doutrina Social Católica* a fundamentação das concepções político-econômicas da sociedade. Assim, J. P. Gastaldi, diretor geral da principal revista econômica curitibana, o *Paraná Econômico*, explicitava que as linhas mestras que a sociedade deveria seguir estavam contidas na “orientação serena e firme da Igreja”:

Governar a ordem econômica, refreando tanto à livre concorrência como o monopólio. Preservar a livre disposição dos bens em tudo o

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> “Os direitos do operário”. In: *Panorama*, Londrina, setembro/outubro, 1952, p.188-89.

que não for contrário ao bem social. Promover a justa distribuição dos bens, de tal modo que da sua posse uma classe não exclua outra. Suprir as deficiências do contrato de salário, de modo que os operários encontrem sempre razoável emprego do seu trabalho e recebam remuneração vital e familiar.<sup>28</sup>

Havia na sociedade, entre tais grupos, a preocupação em afirmar a atualidade dos preceitos da doutrina cristã para a solução das questões sociais da época. Na base de tais discursos estava a doutrina cristã, a qual era representada pela comunidade católica como única solução frente as questões sociais que se avolumavam e se amplificavam. Pregava-se, assim, a solução dos problemas sociais, não pelos métodos do movimento dos trabalhadores, mas “por métodos cristãos, com sinceridade de ambas as partes, lembrança constante do fato de que o trabalho é um ato digno, exercido por pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus”.<sup>29</sup> Percebe-se, assim, que paralelo à redefinição do papel da Igreja no centro decisório da sociedade, havia a preocupação em combater os movimentos sociais, os quais eram percebidos pelas elites como espaços fecundos para o desenvolvimento do comunismo, e, assim, para a irrupção de uma “revolução social” na sociedade. Entrelaçavam-se e auto-reforçavam-se interesses católicos e econômicos.

Se por um lado o discurso da Igreja buscava legitimar-se frente à classe trabalhadora, redefinindo o papel da Igreja como “protetora da causa social”, contrapondo-se aos movimentos de esquerda, por outro havia a busca pela legitimação e pela manutenção do espaço simbólico junto às elites. Verifica-se, assim, um duplo processo e um duplo discurso: o da Igreja que, frente às transformações no mundo contemporâneo, através das Encíclicas, procurava assegurar os chamados “direitos naturais”, entre outros pontos, a liberdade individual e a propriedade; e o das elites, que se apoiando, recorrentemente, nos documentos e discursos da Igreja, procuravam demonstrar a intocabilidade de seus direitos.

---

<sup>28</sup> J. P. Gastaldi, “Cristianismo social”. In: *Paraná Econômico*, Curitiba, maio, 1963, p.11.

<sup>29</sup> “Não são de hoje os direitos dos operários”. In: *Panorama*, Londrina, janeiro, 1953, p.21.

Entre as elites católicas curitibanas recorria-se constantemente à legitimidade do código moral católico, que, dentro da comunidade católica, acabava constituindo-se em “leis” simbólicas, como forma de salvaguardar riquezas, direitos e privilégios sociais estabelecidos, bastante enraizados na cultura sócio-política brasileira. Com a evidência dos movimentos sociais que lutavam pela ampliação dos direitos democráticos, dentre eles o da (re)distribuição de riquezas e terras, ameaçando as estruturas e os direitos sociais estabelecidos, maior era o apelo ao código moral católico, tanto às *Encíclicas Papais* quanto aos textos bíblicos. Buscava-se provar através das “leis simbólicas”, os considerados “direitos naturais”, o que não se conseguia garantir a partir das leis vigentes no Estado Brasileiro, que já se encontravam em processo de discussão, principalmente entre os grupos com perspectivas nacionalistas e reformistas quanto à inclusão social das camadas marginalizadas.

Desta forma, tratava-se de, através das interpretações realizadas sobre os *Evangelhos* e as *Encíclicas Papais*, defender a propriedade privada e a livre iniciativa:

[...] a livre iniciativa na vida econômica e a propriedade privada decorrem da lei natural e portanto, não podem ser discricionariamente eliminadas de nenhum sistema econômico moralmente aceitável. Na pregação do Divino Salvador ressalta essa verdade, pois tanto a propriedade privada como a livre iniciativa, longe de serem condenadas ou controvertidas, são por Ele tratadas como coisas ditadas pelo senso comum e que fluem da ordem natural das relações humanas.<sup>30</sup>

A partir do imaginário de medo frente a possibilidade da perda de interesses, se disseminavam na sociedade curitibana, interpretações das palavras simbólicas bíblicas, buscando, a partir delas, comprovar a existência do “direito natural”, assim como exigir respeito, afinal se tratava do livro máximo para grande parte da coletividade em questão. Entre outros pontos que se buscavam legitimar através da simbologia religiosa estavam: “o lucro não abusivo, extorsivo ou lesivo ao próximo”;

---

<sup>30</sup> “Condenados pelo Evangelho os privilégios?”. In: *Paraná Econômico*, Curitiba, maio, 1963, p.41-2.

o regime do salariado “como coisa normal e justa”; o direito do proprietário “de receber o que é devido pelo arrendamento de suas terras”; já a participação nos lucros, ou “aquilo que se dá além do salário justo”, haveria de se revestir de aspecto espontâneo; etc.<sup>31</sup> Enfim, a partir das palavras do *Evangelho*, buscava-se a legitimação e a manutenção das práticas econômicas que estavam estabelecidas.

A Encíclica *Mater et Magistra*, escrita por João XXIII e divulgada em 1961, também recebia destaque e ganhava circulação entre as elites católicas curitibanas na defesa de seus interesses:

O mundo econômico é criação da iniciativa pessoal dos cidadãos; onde falta iniciativa pessoal dos particulares, há tirania política; o desenvolvimento econômico deve ser comparado e proporcionado com o progresso social; é legítima nos operários a aspiração de participar ativamente na vida das empresas em que estão incorporados e trabalham; o direito de propriedade privada dos bens, mesmo dos produtivos, tem valor permanente; cada um dos seres humanos é e deve ser o fundamento, o fim e o sujeito de todas as instituições humanas; destruir ou dissipar bens que são indispensáveis aos seres humanos é ferir a justiça e a humanidade; etc.<sup>32</sup>

Dentro de um contexto de efervescência dos movimentos sociais e nacional-reformistas na sociedade brasileira, inclusive nos altos escalões do governo brasileiro, como na primeira metade da década de 60, as elites econômicas curitibanas buscavam legitimar a propriedade privada, a livre iniciativa, o desenvolvimento econômico, etc., através da *Doutrina Social Católica*. Numa circunstância em que se estruturavam e se defendiam reformas nas estruturas político-econômicas brasileiras, com forte clamor nacional-reformista e grande apoio dos movimentos sociais e de grupos de esquerda, ao explicitar sua atenção, respeito e defesa ao código moral católico, as elites econômicas demonstravam seu posicionamento. Frente as reformas que se estruturavam, entregavam a legitimidade da condução e da fundamentação

---

<sup>31</sup> “Condenados pelo Evangelho os privilégios?”. In: Paraná Econômico, Curitiba, maio, 1963, p.41-2.

<sup>32</sup> “Conceitos essenciais da Mater et Magistra”. In: Boletim da FIEP, n.41, Curitiba, março, 1962, p.5.

da sociedade nas mãos da *Doutrina Social da Igreja*, na qual observavam a salvaguarda de seus direitos e interesses.

Buscava-se legitimar a “desigualdade” dentro da sociedade, como forma de sustentação das riquezas, propriedades e direitos sociais, frente a uma grande multidão de despossuídos, como se colocavam grandes parcelas da população brasileira. A partir das interpretações realizadas sobre os *Evangelhos Bíblicos*, as elites católicas tratavam de buscar comprovar que estes estavam na “linha do privilégio e da desigualdade”, e não da “comunhão” como a “esquerda católica” afirmava. Assim, segundo suas interpretações, a “desigualdade” já estava prevista e defendida na *Bíblia*: “A Cristo Nosso Senhor não repugnou que uns fossem proprietários de vinhas e que outros fossem assalariados que trabalham de sol a sol, e essa lição de desigualdade econômica perpassa por todo o Evangelho”.<sup>33</sup> Se por um lado, através dos documentos religiosos buscava-se defender os interesses particulares que se percebiam ameaçados, por outro, ansiava-se por combater, para além das críticas de perspectivas comunistas e socialistas, a chamada “esquerda católica”, que segundo os católicos relacionados aos grupos tradicionais, fazia “coro com os socialistas de todos os matizes”, combatendo o regime capitalista e investindo-se, assim, “contra os fundamentos de toda e qualquer ordenação econômica sadia”, colaborando na “coletivização universal”.<sup>34</sup>

A adesão de grupos católicos aos movimentos sociais, dinamizando ideias de liberdade, igualdade e inclusão social dos marginalizados, colocou-se entre as questões que mais mobilizaram o imaginário anticomunista católico principalmente durante a primeira metade da década de 60. A Igreja buscou suprimir as divisões internas, principalmente o engajamento de fiéis católicos nos movimentos sociais, nos grupos nacional-reformistas ou em outras agremiações consideradas de esquerda, por defenderem as reformas e a ampliação das instituições democráticas para uma grande maioria excluída. Criticando e combatendo o comunismo e as

---

<sup>33</sup> “Condenados pelo Evangelho os privilégios?”. In: *Paraná Econômico*, Curitiba, maio, 1963, p.41-2.

<sup>34</sup> *Idem*.

vertentes socialistas, buscava-se integrar toda a comunidade católica nos discursos e nos preceitos advindos de Roma e, assim, legitimar a *Doutrina Social da Igreja* contida nas *Encíclicas Papais*, como a mais coerente e compatível para a solução das questões sociais que afligiam a sociedade.

Assim, nas tramas do imaginário anticomunista católico, fortemente influenciado pelas diretrizes oficiais da Igreja, envolveram-se os grupos católicos atuantes junto dos movimentos sociais, chamados de “esquerda católica”. Buscava-se desmoralizar tais católicos, além de inviabilizar o engajamento de novos, reforçando os preceitos tradicionais da Igreja. Além disso, como tais grupos fundamentavam-se nas próprias diretrizes católicas, entretanto estabeleciam interpretações que acabavam aproximando o Cristianismo do Socialismo, tratava-se de defender as interpretações oficiais, desconstruindo as diferentes, na perspectiva de manter o monopólio do sagrado e da interpretação dos códigos morais católicos:

[...] como todos sabem, a Igreja condena o socialismo e mesmo o socialismo moderado, em texto explícito da ‘Quadragesimo Anno’ repetido pela ‘Mater et Magistra’. É preciso dissipar equívocos. Assim agindo, refere-se a Igreja e todas as formas de socialismo, mesmo as mais moderadas, que tenham como denominador comum o Estatismo.<sup>35</sup>

Nas revistas da cidade, principalmente na revista Panorama, teciam-se amplos debates na perspectiva de explicitar para a comunidade católica curitibana que a Encíclica *Mater et Magistra* não possuía relação com o socialismo. Afirmava-se que a Encíclica “teve no Brasil um impacto que muitos considera(ra)m subversivo.”<sup>36</sup> Nesta mesma lógica, buscava-se explicitar os parâmetros oficiais da Igreja, explicando o termo “social”, que se percebia no centro das “incoerências” interpretativas:

Neste século voltado intensamente para os problemas materiais da sociedade, dos homens, das classes sociais e da justiça social, o

<sup>35</sup> “Socialismo Cristão?”. In: Paraná Econômico, Curitiba, junho/julho, 1962, p.43.

<sup>36</sup> “O Papa nas manchetes: a Mater et Magistra do Papa João XXIII teve no Brasil um impacto que muitos consideram subversivo”. In: Panorama, Curitiba, janeiro, 1962, p.20.

adjetivo social foi usado pelos Papas, especialmente por Pio XII e João XXIII, para qualificar a doutrinação temporal e pastoral da Igreja. Muito longe, pois, do socialismo ideologia que submete a pessoa humana a uma classe, ao Estado, ou à mesma ideologia, anulando a liberdade individual.<sup>37</sup>

Procurando dar conta de demonstrar que a posição oficial da Igreja era contra o socialismo e todas as interpretações que buscavam relacionar Cristianismo e Socialismo, fazia-se uso das palavras de Pio XII na Encíclica *Quadragesimo Anno*: “Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios; ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista.” Dentro da mesma lógica, frisava-se que João XXIII não teria usado o termo “socialização” exprimindo “coletivização da propriedade ou das atividades humanas em geral”,<sup>38</sup> sendo sua doutrina a mesma “pregada pela Igreja através dos séculos, ou seja, a da justiça e a da caridade, que deve reger as relações humanas”.<sup>39</sup>

Frente a possibilidade de dissensão interna, todo o arsenal de imagens negativizadas do imaginário anticomunista católico entrava em ação:

Pedimos aos jovens brasileiros que, antes de se entregarem ao Leviatã totalitário, meditem sobre o verdadeiro significado do engodo socialista, destruam as frases feitas, desmontem os equívocos armados pelos lacaios de Krushev, desmascarem e isolem os comunistas encapuçados e voltem a trabalhar por uma democracia humana e social, verdadeiramente digna do povo deste país.<sup>40</sup>

Nas tramas do imaginário anticomunista, buscava-se inviabilizar, na comunidade católica, adesões a concepções de sociedade e grupos reivindicatórios fora das fronteiras das malhas da Igreja Católica, principalmente entre os jovens, devido a ampliação da juventude atuando nos movimentos sociais, através de União Nacional dos Estudantes (UNE) ou de grupos da esquerda católica, como a

---

<sup>37</sup> Quirino Ferreira Neto, “Ideologia Transviada”. In: Paraná Econômico, Curitiba, maio, 1963, p.14.

<sup>38</sup> “Socialismo Cristão?”. Op.cit., 1962, p.43.

<sup>39</sup> Danilo José Loureiro, “Manchete”. In: Indústria, Curitiba, n.4, novembro, 1953, p.1.

<sup>40</sup> Idem.

Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC). Para além de buscar manter a união do corpo de fiéis dentro da *Doutrina Social da Igreja*, tratava-se de buscar desmoralizar e inviabilizar, dentro de seu próprio meio, a formação de grupos reivindicatórios, com críticas para além das concepções oficiais da Igreja.

### **Considerações Finais**

Como conclusão, percebe-se que o imaginário anticomunista católico desenvolveu várias funções na comunidade católica como um todo, neste caso recebe destaque a comunidade católica curitibana, dentro da qual sua identidade religiosa, sua sociabilidade, suas lideranças e diretrizes oficiais possuíam grande influência sobre os posicionamentos político-sociais da sociedade. O anticomunismo católico fazia parte do processo de acomodação e reinserção da Igreja Católica junto da sociedade, frente aos problemas e às questões contemporâneas.

O imaginário anticomunista católico mobilizava-se frente à possibilidade de desintegração da identidade católica e das bases cristãs de sociedade, a partir das críticas das concepções comunista e socialista à Igreja e das notícias que circulavam sobre proibições e perseguições religiosas nos países que adotaram a perspectiva socialista. Por outro lado, despertava-se também frente a possibilidade de decréscimo de sua autoridade sobre sua própria comunidade de fiéis, quer sobre os trabalhadores, que, numa cidade como Curitiba, ainda grande parte possuía vínculos católicos, respeitando a sociabilidade e os princípios cristãos de sociedade, quer sobre os grupos de católicos que passavam para as fileiras dos movimentos sociais, tornando-se críticos da elitização dentro da própria instituição.

Assim, ao localizar no comunismo os perigos que agrediam sua ordem, num “inimigo” externo à instituição, buscando inviabilizá-lo, assim como outras concepções de sociedade percebidas como ameaçadoras para sua manutenção e legitimação, realizava-se um esforço de auto-conservação, que se mostrava

necessário tanto para a instituição em Roma, quanto para seus integrantes e católicos propagadores dispersos pelo mundo, como os integrantes da comunidade católica de Curitiba. Dentro do processo de reafirmação católica na sociedade, utilizando-se do imaginário anticomunista, entre outros instrumentos, a Igreja e seus integrantes buscavam reforçar a identidade católica e os padrões de sociedade defendidos, assim como legitimar e sustentar sua autoridade frente a distintos grupos sociais, buscando sustentar seu poder simbólico de “orientadora” e “condutora” nos processos de transformações do mundo contemporâneo.

## **Referências**

- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.
- BACZCO, Bronislaw. 'Imaginação social'. In: *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda/Editora Portuguesa, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- CARNEIRO Jr., Renato Augusto. *Religião e política: a Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições – 1932-1954*. Dissertação de Mestrado. História. UFPR. Curitiba. Julho de 2000.
- FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da Ordem. Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-45)*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- RODEGHERO, Carla. *O Diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Edupf, 1998.
- A DIVULGAÇÃO. “Salve Nossa Senhora da Luz dos Pinhais”. Curitiba, maio, 1960.
- BOLETIM DA FIEP. “Conceitos essenciais da Mater et Magistra”. In: Boletim da FIEP, n.41, Curitiba, março, 1962.
- PANORAMA. “Por um mundo melhor. Congresso Eucarístico”. Curitiba, maio, 1960.
- PANORAMA. Antero de Castro, “Complexo de Crise V. O espírito da época. Curitiba, outubro, 1957.
- PANORAMA. Adolfo Soethe, “Editorial”. Curitiba, novembro, 1958.
- PANORAMA. Adolfo Soethe, “A encruzilhada do mundo: Roma ou Moscou”. Curitiba, junho, 1963.
- PANORAMA. Ignácio Lepp, “Um itinerário de Marx a Cristo”. Apud: Adolfo Soethe, “A encruzilhada do mundo: Roma ou Moscou”. Curitiba, junho, 1963.
- PANORAMA. “Nem individualismo capitalista nem comunismo”. In: Panorama, Panorama no mundo, Londrina, outubro/novembro, 1951.
- PANORAMA. Zaqueu de Melo, “Washington ou Moscou: seria a única alternativa?”. Londrina, fevereiro, 1952.

PANORAMA. Antero de Castro, "Complexos de Crise VI: O Dilema do Ocidente". Curitiba, novembro, 1957.

PANORAMA. "Os direitos do operário". In: Panorama, Londrina, setembro/outubro, 1952.

PANORAMA. "O Papa nas manchetes: a Mater et Magistra do Papa João XXIII teve no Brasil um impacto que muitos consideram subversivo". In: Panorama, Curitiba, janeiro, 1962.

PARANÁ ECONÔMICO. "João XXIII". Curitiba junho/julho, 1963.

PARANÁ ECONÔMICO, J. P. Gastaldi, "Cristianismo social", Curitiba, maio, 1963.

PARANÁ ECONÔMICO. "Condenados pelo Evangelho os privilégios?". In: Paraná Econômico, Curitiba, maio, 1963.

PARANÁ ECONÔMICO. "Socialismo Cristão?". In: Paraná Econômico, Curitiba, junho/julho, 1962.

PARANÁ ECONÔMICO. Quirino Ferreira Neto, "Ideologia Transviada". In: Paraná Econômico, Curitiba, maio, 1963.